



Ceilândia, às vésperas dos 12 anos: uma cidade que luta pelo dia-a-dia e não sabe o que a espera no futuro

# A explosão de uma cidade do improvisado

As vésperas de completar 12 anos, a cidade-satélite de Ceilândia continua a ser um barril de pólvora preocupante. É uma cidade própria para estatísticas e adjetivos: um dos maiores índices de natalidade do mundo, a maior "favela" do mundo, nascida ironicamente de um movimento de erradicação de invasões, a cidade mais insegura e desprotegida, a cidade dos marginais. Ceilândia luta para fugir desses dados e dessas rotulações, mas têm consciência de sua realidade. Afinal, são 360 mil habitantes que praticam diariamente a estratégia e tática da sobrevivência. Durante três dias, quatro repórteres e um fotógrafo do **Correio Braziliense** foram para a Ceilândia com uma única missão: mostrar o que é a Ceilândia sem mitos e rótulos; contar para o leitor como vive uma das comunidades mais pobres do país e que está apenas a 30 quilômetros do Palácio do Governo. A história desse barril de pólvora, que é, aliás, seu formato no mapa, está nesta e na página seguinte, e na edição de amanhã.

DAVIEMERICH

Da editoria de cidade

Logo após a sua posse, o Presidente João Baptista Figueiredo cunhou uma frase famosa no Distrito Federal: "Ceilândia é a menina dos meus olhos". Passados poucos anos, a cidade conseguiu dar saltos de desenvolvimento impressionantes e o apelido pejorativo de "maior favela do mundo" tornou-se página virada. Com certeza, a cidade hoje é menina dos olhos dos mais variados setores da sociedade: dos próprios moradores, que passaram a defendê-la com unhas e dentes; dos especuladores, ávidos por um mercado imobiliário que descortina-se a sua frente; dos estudiosos, interessados em analisar a formação de uma sociedade complexa em apenas 10 anos; e dos próprios políticos - de todas as matizes - que vêem em Ceilândia um local privilegiado para a defesa de suas idéias.

O nome Ceilândia, como é do conhecimento geral, deriva das iniciais de um movimento oficial chamado Campanha de Erradicação das Invasões. As primeiras transferências de barracos da Vila do IAPI, da favela Placa do Mercedes, do Morro do Urubu, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão e Morro do Querosene - todos eles localizados na época nas imediações da Cidade Livre, o Núcleo Bandeirante -, começaram exatamente no dia 27 de março de 1971. A sistemática da mudança era bastante simples: assistentes sociais e funcionários do GDF faziam um trabalho de marcação com "X" nas portas dos barracos que seriam transferidos no dia seguinte e davam as famílias atestados para a dispensa do trabalho por cinco dias, guias de transferência de escolas e até mesmo acompanhamento médico e psicológico. No prazo definido, os caminhões do GDF encostavam na Vila e com poucas horas o morador já estava no seu lote pré-definido na Ceilândia.

Os moradores antigos e pioneiros da cidade contam as inúmeras dificuldades deste período. O fato mais comum eram as pessoas se perderem na imensidão dos barracos e dos lotes - eram cerca de 21.000 lotes - e só reencontrarem suas famílias depois de alguns dias. A confusão era tão grande que muitos moradores perdiam seus pertences, como botijões de gás, passando vários dias sem poder fazer suas refeições normalmente. Mas o cerrado foi sendo dominado e, com poucos meses, a cidade já era realidade.

## AMPLIAÇÃO

Ceilândia, dentro dos projetos oficiais, tinha como objetivo eliminar as favelas de todo o Distrito Federal. Com o passar do tempo, estas metas mostraram-se difíceis de serem alcançadas. Apesar do primeiro loteamento beneficiar parcelas imensas de favelados, o problema de habitação no Distrito Federal continuou agravando-se, obrigando o Governo à tomada de novas atitudes. Primeiro criou o núcleo batizado de Guariroba, com 7.000 residências incorporadas pela SHIS; depois foi a vez do Setor "O", também com 7.000 unidades habitacionais; e por último implantou os setores P SUL e NORTE, com 15.400 casas. A população de Ceilândia, com estas iniciati-

vas, em poucos anos, saltou de habitantes, aproximadamente, para perto de 360 mil. Esta ampliação repentina, inevitavelmente, viria exigir do Governo um esforço de alocação de recursos para organização da infra-estrutura da cidade.

## COMPLEXIDADE

Não é comum, dentro da realidade brasileira, experiências como a de Ceilândia. Formada basicamente por camadas populares, a cidade em poucos anos avançou na definição de seu planejamento urbanístico, graças aos bilhões de cruzeiros que ali foram despejados num piscar de olhos. Só para se ter uma idéia, em 1976, grande parte da população tinha de andar distâncias enormes para conseguir água e as brigas nos chafarizes e em frente aos caminhões pipas eram muito frequentes. A única pista asfaltada ligava a Ceilândia tradicional de norte a Sul e as vias restantes durante boa parte do ano tornavam-se intransitáveis. Em seis anos, aproximadamente, a situação foi totalmente invertida. As principais vias públicas foram asfaltadas, o abastecimento de água foi regularizado, os setores P Sul e Norte conseguiram montar seus emissários de esgoto e redes de captação de água pluvial foram implantadas em toda a cidade.

Entretanto, os problemas continuam e certamente as torneiras dos cofres públicos vão continuar jorrando somas consideráveis de recursos em direção à cidade. A Ceilândia tradicional, onde moram os pioneiros, até hoje não conta com rede de esgoto; o lixo é uma silhueta que aterroriza os administradores, o que deverá exigir do Governo programas bem claros para resolver a situação definitivamente; o desemprego aumenta e a cidade não tem conseguido ao longo destes anos montar uma estrutura de absorção de mão-de-obra adequada; a especulação imobiliária começa a entrar com bastante fôlego na cidade e a valorização do imóvel, pode, a médio prazo, gerar um grave problema social; o transporte coletivo é cada vez mais caro, numa proporção inversa aos rendimentos da família.

Outro fato que merece destaque no contexto de Ceilândia é a organização de sua sociedade civil. Aos poucos o paternalismo oficial que via nos moradores uma espécie de filho desprotegido vai sendo substituído por movimentos e entidades representativas dos mais variados segmentos da sociedade. As Associações de Moradores já são uma realidade e ocupam espaços importantes nas relações comunidade/Governo; os empresários vão modernizando suas empresas e suas mentalidades, substituindo a economia baseada nas antigas birosas de madeira; a juventude vem articulando seus movimentos culturais e hoje na cidade podem ser constatados vários grupos de música, teatro, entre outros; os setores economicamente melhor situados montam suas confrarias como o Rotary e Lyons Club, bem como a maçonaria. Este processo, historicamente, cria uma situação nova na cidade: A Administração começa a deixar de ser um mero agente do governo na comunidade e cada vez mais vai ter de gerenciar os choques de interesse na cidade, quer econômicos, quer políticos ou sociais.